

LITERATURA BRASILEIRA
Textos literários em meio eletrônico
Últimas Rimas, de Emílio de Menezes

Obra de referência:
Obra Reunida, de Emílio de Menezes,
Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1980.

ÚLTIMAS RIMAS

A José Pires Brandão

Em homenagem ao seu grande espírito, ao seu inextinguível caráter e ao seu inigualável
coração.
Emílio de Menezes

Índice

Tarde na Praia
A Morte da Torre
Envelhecendo
Antero
Flor Lutuosa
Non Ducor Duco
À Senhora Antonieta Rudge Miller
Eterno Symbolo
Melancolia
Pinheiro Morto
Vitória-Régia
A Roma
Girassol
Hibiscus Mutabilis
Resposta a Olavo Bilac
Nau Abandonada
A Alberto Nepomuceno
Ao "Paraíba"
A Dúvida
Na Morte de Joaquim Nabuco
No Lago de Genesaré
No Aniversário de José Pires Brandão
Sob um Retrato
Sol de Outono
A Uma Senhora
Alma Tediosa
Na Glorificação de Olavo Bilac
A Um Pai
A Um Possesso
Sobre o Túmulo de Uma Mãe
Tédio Hiberna

No Festival a Luiz Pereira Barreto
Poeta
Numa Lápide
Na Última Página de Um Álbum
Nossa Velhice
Velho Tema, Novo Tema
Uma Carta
Corvo (Edgar Poe)

TARDE NA PRAIA

A Leal de Souza

Quando, à primeira vez, lhe vi a grandeza,
Foi nos tempos da longe meninice.
E quedei-me à mudez de quem sentisse
A alma de Pasmos e terrores presa.

Depois, na mocidade, a olhá-lo, disse:
É moço o mar na força e na beleza!
Mas, ao dia apagado e à noite acesa,
Hoje o sinto entre as brumas da velhice.

Distanciado de escarpas e barrancos,
Vejo-o a morrer-me aos pés, calmo, ao abrigo
Das grandes fúrias e os hostis arrancos.

E ao contemplá-lo assim, tristonho digo,
Vendo-lhe, a espuma, os meus cabelos brancos:
O velho mar envelheceu comigo!

A MORTE DA TORRE

A Coelho Neto

Vetusta cathedral que, ao tempo, te esborcinas,
Choras a torre audaz que aos céus erguendo a agulha
Os mysterios e os bens de que a igreja se orgulha,
Do alto mostrava aos fiéis, nas sonoras matinas.

Já, de ti, longe vão as práticas divinas
Com que davas ao incréu a sagrada fagulha
E inda julgas ouvi-la em fragorosa bulha,
A oscilar no teu flanco e a desfazer-se em ruínas.

Abateste, eu me lembro, à tarde, de repente,
Doirando, no clarão de um último arrebol,
O pó que te envolveu sutil e refulgente!

Torre morta! Afinal, do orgulho, no crisol,
Tombaste amortalhada, ampla e gloriosamente,
No purpúreo esplendor da agonia do sol!

ENVELHECENDO

A Luiz Murat

Tomba às vezes meu ser. De tropeço a tropeço,
Unidos, alma e corpo, ambos rolando vão.
É o abismo e eu não sei se cresço ou se decresço,
À proporção do mal, do bem à proporção.

Sobe às vezes meu ser. De arremesso a arremesso,
Unidos, estro e pulso, ambos fogem ao chão
E eu ora encaro a luz, ora à luz estremeço.
E não sei onde o mal e o bem me levarão.

Fim, qual deles será? Qual deles é começo?
Prêmio, qual deles é? Qual deles é expiação?
Por qual deles ventura ou castigo mereço?

Ante o perpétuo sim, e ante o perpétuo não,
Do bem que sempre fiz, nunca busquei o preço,
Do mal que nunca fiz, sofro a condenação.

ANTERO

A Félix Pacheco

Eu quisera saber em que horrendo limite,
Em que fronteira atroz, em que raia do mundo,
Está o ponto ante o qual, sem que a tortura o agite,
O teu gênio se esvai como um Deus moribundo.

Senti-te crente um dia. Indeciso senti-te
E, afinal, te senti como quem busca o fundo
Das coisas e obedece a um sinistro convite,
Da descrença imergir no pélagos iracundo.

Não inspiras temor, mas não há quem te vença.
Por orgulho, és humilde e, na humildade, és forte.
Na imensa revolta e és a piedade imensa.

Morte, amor, crença ou vida, a quem quer que te exorte,
Dizes: Sou mais que a vida e sou menos que a Crença;
Muito maior que o Amor, pouco menor que a Morte.

FLOR LUTUOSA

Natacés! Natacés! Meu dote encanto
Que ameigaste, gentil, meus gestos brutos
E me inflamaste, em rápidos minutos,
O ininflamável coração amianto,

De onde essa treva que o teu corpo santo
Assim reveste de pesados lutos?
Porque esses olhos negros quando enxutos
Ficam mais negros úmidos de pranto?

De luto ao ver-te, nem eu sei que sinto.
Não sei se é ver fulgir o halo de um astro,
Dentro de escuro e tétrico retinto.

Creio, seguindo o teu saudoso rastro,
Que vejo um cofre de ébano retinto
Resguardando uma estátua de alabastro!

NON DUCOR DUCO

(Do brasão de armas da cidade de S. Paulo)

A Washington Luiz

És a divisa audaz que, transpondo as divisas,
Da metrópole ao vale, a escarpa, ao bosque, ao monte,
De nada tens mister, de nada mais precisas
Para, alargando a terra, afastar o horizonte.

Nas buscas do filão, do veio nas pesquisas,
Quatridente pendão, sem o que te amedronte,
Braço de bandeirante, a sacudir-te às brisas,
Lá vais, a própria morte, encarar frente a frente.

E, oh! alma vegetal, planta rica e sadia
Que, do rubi do fruto à esmeralda do galho,
Te transformas em ouro, ouro que em ti irradia.

Aí está agasalhando o paulista agasalho
Que é o berço da beleza e a fonte da energia,
Fonte da intrepidez e berço do trabalho.

A SENHORA ANTONIETA RUDGE MILLER

Ser mulher e ser mãe dentro de um sonho de arte
Que, aureolando a virtude e engrandecendo o amor,
Deixa aquela integral quando este se biparte
Ante o casto recesso e ante a pompa exterior,

Eis o que faz querer-te, eis o que faz amar-te
Alma indômita entregue ao pulso domador
Que a amplia, que a desdobra e leva a toda parte,
Da intérprete, a certeza e, do gênio, o esplendor.

Jamais mão feminina, ante as róseas falanges
Reuniu tanto poder, tanta fascinação
Como essa corn que os sons infinitos abranges.

Guaie sutil o vento ou ruja o furacão,
Rouco esbraveje o mar, ou meigo gema o Ganges,
Tens o eco universal dentro de cada mão! . .

ETERNO SYMBOLO

A Oscar Bormann

Aureolado da opala, o topázio, a ametista
Que o sol ocíduo põe na agonia da tarde,
O monte que de légua, ou de léguas, se avista,
Do amplo juso à cimeira, em pedrarias, arde.

À suntuosa mudez não há olhar que resista,
Nem ao quieto esplendor quern se não acobarde.
Um silêncio de luz lhe vai da base à crista:
É o féretro da pompa, é o túmulo do alarde.

Em tal fulguração, translúcido, irradia
E essa translucidez que é apenas ilusória,
Deixa ver que há um Além, além da fantasia.

Desce lenta, entretanto, a noite merencória. . .
Queda-se a natureza, amortalhada e fria,
Na saudosa visão de um momento de glória.

MELANCOLIA

Quanta gente talvez no mundo existe
Cuja ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa.

Raimundo Correia

Pelos males e pelas desventuras,
Com que o destino nos foi tão cruel,
Procuramos em nossas mútuas juras,
Atenuar o travor do nosso fel.

Antefruindo, além, horas futuras
No calmo gozo de um ideal vergel,
Esquecemos passadas amarguras,
O beijo impuro ou a carícia infiel.

Mas por sofrer ainda os vis apodos
Dos que me não conhecem o sofrer,
Vivo a fingir audácias e denodos.

Pensam, ao ver-me o alegre parecer,
Que tenho o riso que ambicionam todos,
Em vez do pranto que não quero ter.

PINHEIRO MORTO

Ao Paraná

Nasceste onde eu nasci. Creio que ao mesmo dia
Vimos a luz do sol, meu glorioso irmão gêmeo!
Vi-te a ascensão do tronco e a ansiedade que havia
De seres o maior do verdejante grêmio.

Nunca temeste o raio e eu como que te ouvia
Murmurar, ao guaiar da fronde, ao vento: - "Teme-o
Somente o fraco arbusto! A rija ventania,
Teme-a somente o errante e desnudado boêmio!

Meu vulto senhorial queda-se firme. Embala-mo
O tufão e hei de tê-lo eternamente ereto!
Resisto ao furacão quando a aura abate o cálamo!"

Ouve-me agora a mim que, em vez de ti, vegeto:
Já que em ti não pesei, entre os fulcros de um tálamo,
Faze-te abrigo meu nas entraves de um teto!

VITÓRIA-RÉGIA

(No álbum de Rafaelina de Barrow)

À tona ingrata e hostil de tétrica palude,
Abre, gloriosamente, a impoluta corola
E esplende, no vigor da vida e da saúde,
Na região que um mortal sopro de peste assola.

Grande como a bondade e alva como a virtude,
Na miséria de em torno ela é a radiante esmola
De uma alma vegetal que em toda plenitude
Do mal que a quer poluir, mais se apura e acrisola.

Bendito resplendor da flora brasileira!
Ela, Senhora, eu sei: dessa voss'alma egrégia,
E o símbolo perfeito, é a expressão verdadeira ...

Fê-la rainha a ciência e, ao vê-la, a musa elege-a
Como suprema flor, de entre todas primeira, -
Rival de Vós que sois como a Vitória-Régia.

A ROMA

A Sra. Gaby Coelho Neto

Mal se confrange na haste a corola sangrenta
E o puníceo vigor das pétalas descora,
Já, no ovário fecundo e intumescido, aumenta
O escrínio em que retém, os seus tesouros, Flora!

E ei-la exsurge a romã, fruta excelsa e opulenta

Que de acesos rubis os lóculos colora
E à casca orbicular, áurea e eritrina ostenta
O ouro do entardecer e o paunásio da aurora!

Fruta heráldica e real, em si, traz a coroa
Que o cálice da flor lhe pôs com o mesmo afago
Com que a Mãe Natureza os seres galardoa!

Na forma hostil, porém, de arremesso e de estrago,
Lembra um dardo fatal que o espaço cruza e atroa
Nos prélios imortais de Roma e de Cartago!

GIRASSOL

A Amadeu Amaral

Florir no descampado ou no úmido recanto
De a1guma ruína, ou mesmo em áspero alcantil,
É um orgulho que tem o redoirado heliantho
Dês que da terra emerge a plúmula sutil

Quando ele desabrocha entre os glastos e o acantho,
Entre os mil tinhorões e as passifloras mil,
Tem-se à conta de um sol, nascido por encanto
Ao topo senhorial do tomentoso hastil.

É de vê-lo medir, a força e o valimento,
Do orgulho vegetal, do seu orgulho em prol,
Ante o rival senhor de terra e firmamento!

E de vê-lo, tenaz, de arrebol a arrebol,
Do grande astro seguindo o régio movimento,
O áureo disco volver para encarar o sol!

HIBISCUS MUTABILIS

A Henrique Venceslau

Logo ao alvorecer, a corola contracta,
Ela, a um raio de luz que em claridade a inunda,
Abre timidamente, esquiva e pudibunda,
Alva como o aflorar da espuma na cascata.

Meio dia. Ao calor que sensual a circunda,
Cora, cora inda mais, em ânsias, timorata,
Ruboriza-se, enfim, e não mais se recata.
É a seiva, é o sangue, é o sol, é a vida! Ei-la fecunda!

Desce a tarde. É a exaustão. É o delíquio. Fenece.
Volve a empalidecer, mas iá não irradia
No primitivo albor de hóstia ou de uma alma em prece.

É o amarelecer da cera e da agonia.
É o desmaiar de quem a glória e a dor conhece,
De ser virgem, ser mãe e morrer num só dia!

RESPOSTA A OLAVO BILAC

E, heróico estalará, num final, nos clamores
Dos arcos, dos metais, das cordas, dos tambores,
Para glorificar tudo que. amou na terra!
Olavo Bilac

Para glorificar o que amaste na terra
De forma que ela, assim, futuro em fora, o assista
No seu teatro de amor, de orgulho ou de conquista,
Basta o que há no teu estro e entre os teus versos erra.

Para ela o orgulho ter do que em seu seio encerra,
Não precisa estalar teu coração de artista
Na alta instrumentação, na estranha orquestra mista,
De cordas e metais e tambores de guerra.

Ele, o teu coração, fibra a fibra, ressoando
Na augusta vibração em que o gênio delira,
Perpetuará melhor o que amaste cantando,

Nesse único instrumento em que a paixão suspira
Ou ruge num clangor tremendo e formidando:
Tua Humana e Divina e Imorredoura Lira! ...

NAU ABANDONADA

À excelsa poetisa Rosalina Coelho Lisboa

Ei-la a sonhar ali como relíquia imota,
Na ingratidão do tempo e na humana injustiça,
Ela que a cada aproar e a cada nova rota
Dava uma prova a mais da coragem castiça.

Espelho de uma raça e orgulho de uma frota,
Nunca as velas abriu em rumo da cobiça.
Tinha, do heroísmo crente, a bravura devota,
Era a lusa visão impoluta e inteiriça.

A História, aos feitos seus, quem quer que hoje a perlustre
Lembra a voz com que o Herói, de alma valente e boa,
Dava à pátria renome e ao próprio nome lustre.

Eu quando lhe contemplo o Netuno da proa
Ou revejo o Tritão que lhe serve de aplustre,
Ouço o eco dessa voz que em seu bojo reboa!

A ALBERTO NEPOMUCENO

Mestre irmão, mestre pai, mestre modelo!
Se do teu gênio a alma dos sons esvoaça,
No prematuro alvor do teu cabelo

Fulge a bondade que te coube em graça.

Nunca cedeste ao rancoroso apelo
Dos ódios torvos ou da inveja baça.
Se da Arte trazes o divino selo,
Toda a humana piedade em ti se enlaça.

A emoção que nesta hora nos invade
Não leva o cunho de mentidas dores.
E a expressão quase muda da verdade.

A nossa gratidão, para onde fores,
Levas contigo e deixas a saudade:
Sais coberto de lágrimas e flores.

AO "PARAÍBA"

Quando te vejo o deslizar das águas
Claras, serenas como os bons momentos
De amor que correm plácidos e lentos,
Vão rolando contigo as minhas mágoas.

Mas quando as vejo em torvelins violentos,
Torvas e turvas a raivar nas fráguas,
Extingo as chamas da alegria, apago-as:
Rolam contigo os meus contentamentos.

É que sobre mim mesmo não exerço
Força contrária à tua, a mim ligada
Qual se liga a áurea rima a um verso terso.

E essa força, que é tudo, vem de um nada:
Às tuas margens balouçou-se o berço
Da criatura eternamente amada! ...

A DÚVIDA

A José Agostinho Pereira

É nova a aparição, mas, sendo nova, é a mesma
Que, há muito, me procure e se me foge há muito!
Se a palpo, ei-la a esgueirar-se em coleios de lesma,
Se a sigo, só lhe encontro urn rastilho fortuito.

Para bem defini-la, embalde, resma a resma,
Todo o papel estrago. Em vão traço o circuito
Em que a devo prender. Se agora é atra avantesma,
Logo é o jogral que ri um ridículo intuito.

Ora é o duro pedrouço, ora é um frouxel de paina:
Ora o olhar amortece, ora lhe aviva o lume;
Ora agita as paixões, ora as paixões amaina.

O gesto do perdão e o gesto ultriz resume.
E eis-te mal esboçada em tua eterna faina,
Sócia eterna do Amor, fonte do eterno Ciúme.

NA MORTE DE JOAQUIM NABUCO

Vai, sacrílega, a Morte, em sempiterna ronda
A ceifar e a espalhar o horror e o sacrilégio.
Quem há que ao seu apelo, acaso, não responda,
Seja espírito escasso ou pensador egrégio?

É uma alma juvenil? Ela, em volúpia, a sonda.
É um sábio? Ela o envenena em letal sortilégio.
É um artista? Ela o chama e erguendo a destra hedionda
Ao mundo inteiro impõe o seu domínio régio.

Feliz é aquele só que ao ressurgir a tona
Da vaza-mar que a terra envolve em extermínio,
Ao nome, nova glória, a morrer, adiciona!

A alma do que hoje cai, não caiu em declínio.
Da História a porta entrou como senhora e dona,
E a própria Morte impôs o seu régio domínio!

NO LAGO DE GENESARÉ

A Leopoldo Guaraná

Homem de pouca fé, por que duvidaste?
MATEUS. C. XIV. V. 31.

- "Nau da Fé! por que em ti, tornas o incenso em fumo?
Por que de um porto bom, para outro porto zarpas?
Nau da Esperança! em ti, já os sonhos não resumo:
Teu porto se antolhou de abrolhos e de escarpas!

Desarvorada Nau da Caridade! as harpas
Do teu velame já se não ouvem, presumo,
Pois as cordas sutis aos vendavais esfarpas
E lá segues também sem velas e sem rumo!"

E a humanidade toda, entre queixas e mágoas,
Entre as fúrias do mar e a cólera celeste,
Fere e apura dos bons a alma em ardentes fráguas.

Mas Cristo despe então o manto que o reveste
E diz, ao desdobrá-lo, assim, por sobre as águas:
Este manto resume as três naus que perdeste!

NO ANIVERSARIO DE JOSÉ PIRES BRANDÃO

O tempo que envelhece o paço e a choça,
Em ti não marca os passos da velhice,
Com que carinhos ele te remoça
Numa alegre e perpétua meninice.

A bondade imortal que a alma te adoça

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

